

### 3 — HOMENS DE BEM

*... homem de bem...*

Manuel Pereira Rabelo,  
licenciado

*o roubo, a injustiça, a tirania.*



## A MORTE DO GOVERNADOR MATIAS DA CUNHA.

Ó caso o mais fatal da triste sorte!  
Ó terrível pesar! ó dor imensa!  
Quem viu, que em breves dias de doença  
Acabasse valor, que era tão forte!

Quem viu prostrar-se a gala de Mavorte,  
Que hoje em cinza se ve à morte apensa!  
Que como se prostrou, logo a licença  
Concedeu livremente ousada à morte.

Já se vê o valor, que esclarecido  
Foi, em urnas de pedra sepultado  
Do sujeito mais grave, e entendido.

À Parca rigorosa sujeitado,  
Acabado já, e em cinzas consumido  
o esforço, que se viu mais alentado.

### AO MESMO ASSUNTO.

Teu alto esforço, e valentia forte  
Tanto a outro nenhum valor iguala,  
Que teve o céu cobiça de lográ-lo,  
Que teve inveja de vencê-la a morte.

O céu veio a lográ-la, mas por sorte,  
Que por poder não pôde conquistá-la;  
A morte por haver de contrastá-la  
Vigor de lei tomou, e deu-lhe o corte.

Prêmios, que mereceste, e nunca viste,  
Todos com teu valor os desprezaste,  
E com os merecer lhe resististe.

O cargo, que na vida não lograste,  
Esse o mofino é, órfão, e triste,  
Pois te não falta a ti, tu lhe faltaste.

AO MESMO ASSUNTO.

Quem há de alimentar de luz ao dia?  
Quem de esplendor ilustrará a Nobreza?  
Quem há de dar lições de gentileza  
A toda a gentileza da Bahia?

Já feneceu do mundo a galhardia,  
Melancólica jaz a natureza,  
Vendo em pó reduzida a fortaleza,  
E em cinzas desatada a fidalguia.

O Marte (digo), que ao combate expunha  
O peito sem temor, que ao mundo assombra,  
Sendo da paz terror, da guerra espanto.

Foi este o Senhor Matias da Cunha,  
Que hoje nos dá tornado em fria sombra  
Ao discurso pesar, aos olhos pranto.

DISCRIÇÃO, ENTRADA E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA  
ANTÔNIO DE SOUZA DE MENESES GOVERNADOR DESTE ESTADO.

Oh não te espantes não, Dom Antônio,  
Que se atreva a Bahia  
Com oprimida voz, com plectro esguio  
Cantar ao mundo teu rico feitio,  
Que é já velho em Poetas elegantes  
O cair em torpezas semelhantes.

Da Pulga acho, que Ovídio tem escrito,  
Lucano do Mosquito,  
Das Rãs Homero, e destes não desprezo,

Que escreveram matérias de mais peso  
Do que eu, que canto cousa mais delgada  
Mais chata, mais sutil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,  
Meu Dom Braço de Prata,  
Cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua  
Mandava a Inquisição alguma estátua  
Vendo tão espremida salvajola  
Visão de palha sobre um Mariola.

O rosto de azarcão afogueado,  
E em partes mal untado,  
Tão cheio o corpanzil de godilhões,  
Que o julguei por um saco de melões;  
Vi-te o braço pendente da garganta,  
E nunca prata vi com liga tanta.

O bigode fanado feito ao ferro  
Está ali num desterro,  
E cada pêlo em solidão tão rara,  
Que parece ermitão da sua cara:  
Da cabeleira pois afirmam cegos,  
Que a mandaste comprar no arco dos pregos.

Olhos cagões, que cagam sempre à porta,  
Me tem esta alma torta,  
Principalmente vendo-lhe as vidraças  
No grosseiro caixilho das couraças:  
Cangalhas, que formaram luminosas  
Sobre arcos de pipa duas ventosas.

De muito cego, e não de malquerer  
A ninguém podes ver;  
Tão cego és, que não vês teu prejuízo  
Sendo cousa, que se olha com juízo:

Tu és mais cego, que eu, que te sussurro,  
Que em te olhando, não vejo mais que um burro.

Chato o nariz de cocras sempre posto:  
Te cobre todo o rosto,  
De gatinhas buscando algum jazigo  
Adonde o desconheçam por embigo:  
Até que se esconde, onde mal o vejo  
Por fugir do fedor do teu bocejo.

Faz-lhe tal vizinhança a tua boca,  
Que com razão não pouca  
O nariz se recolhe para o centro  
Mudado para os baixos lá de dentro:  
Surge outra vez, e vendo a baforada  
Lhe fica a ponta um dia ali engasgada.

Pernas, e pés defendem tua cara:  
Valha-te; e quem cuidara,  
Tomando-te a medida das cavernas  
Se movesse tal corpo com tais pernas!  
Cuidei, que eras rocim das alpujarras,  
E já frisão te digo pelas garras.

Um casaquim trazias sobre o couro,  
Qual odre, a quem o Touro  
Uma, e outra cornada deu traidora,  
E lhe deitou de todo o vento fora;  
Tal vinha o teu vestido de enrugado,  
Que o tive por um odre esfuracado.

O que te vir ser todo rabadilha  
Dirá, que te perfilha  
Uma quaresma (chato percevejo)  
Por Arenque de fumo, ou por Badejo:  
Sem carne, e osso, quem há ali, que creia,

Senão que és descendente de Lampreia.

Livre-te Deus de um Sapateiro, ou Sastre,  
Que te temo um desastre,  
E é, que por sovela, ou por agulha  
Arme sobre levar-te alguma bulha:  
Porque depositando-te à justiça  
Será num agulheiro, ou em cortiça.

Na esquerda mão trazias a bengala  
ou por força, ou por gala:  
No sovaco por vezes a metias,  
Só por fazer enfim descortesias,  
Tirando ao povo, quando te destapas,  
Entonces o chapéu, agora as capas.

Fundia-se a cidade em carcajadas,  
Vendo as duas entradas,  
Que fizeste do Mar a Santo Inácio,  
E depois do colégio a teu palácio:  
O Rabo erguido em cortesias mudas,  
Como quem pelo cu tomava ajudas.

Ao teu palácio te acolheste, e logo  
Casa armaste de jogo,  
Ordenando as merendas por tal jeito,  
Que a cada jogador cabe um confeito:  
Dos Tafuis um confeito era um bocado,  
Sendo tu pela cara o enforcado.

Depois deste em fazer tanta parvoíce,  
Que inda que o povo risse  
Ao princípio, cresceu depois a tanto,  
Que chegou a chorar com triste pranto:  
Chora-te o nu de um roubador de falso,  
E vendo-te eu direito, me descalço.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja,  
E a ti nada te aleija,  
E por teu sensabor, e pouca graça  
És fábula do lar, riso da praça,  
Té que a bala, que o braço te levara,  
Venha segunda vez levar-te a cara.

SUTILEZA COM QUE O POETA SATIRIZA À ESTE GOVERNADOR.

1       Tempo, que tudo trasfegas,  
fazendo aos peludos calvos,  
e pelos tornar mais alvos  
até os bigodes esfregas:  
todas as caras congregas,  
e a cada uma pões mudas,  
tudo acabas, nada ajudas,  
ao rico pões em pobreza,  
ao pobre dás a riqueza,  
só para mim te não mudas.

2       Tu tens dado em mal querer-me,  
pois vejo, que dá em faltar-te  
tempo só para mudar-te,  
se é para favorecer-me:  
por conservar-me, e manter-me  
no meu infeliz estado,  
até em mudar-te hás faltado,  
e estás tão constante agora,  
que para minha melhora  
de mudanças te hás mudado.

3       Tu, que esmaltas, e prateias  
tanta gadelha dourada,  
e tanta face encarnada  
descoras, turbas, e afeias:  
que sejas pincel, não creias,

senão dias já passados;  
mas se esmaltes prateados  
branqueiam tantos cabelos,  
como, branqueando pêlos,  
não me branqueias cruzados?

4        Se corres tão apressado,  
como paraste comigo?  
corre outra vez, inimigo,  
que o teu curso é meu sagrado:  
corre para vir mudado,  
não pares por mal de um triste:  
porque, se pobre me viste,  
paraste há tantas auroras,  
bem de tão infaustas horas  
o teu relógio consiste.

5        O certo é, seres um caco,  
um ladrão da mocidade,  
por isso nesta cidade  
corre um tempo tão velhaco:  
farinha, açúcar, tabaco  
no teu tempo não se alcança,  
e por tua intemperança  
te culpa o Brasil inteiro,  
porque sempre és o primeiro  
móvel de qualquer mudança.

6        Não há já, quem te suporte;  
e quem armado te vê  
de foice, e relógio, crê,  
que és o percussor da morte:  
vens adiante de sorte,  
e com tão fino artifício,  
que à morte forras o ofício;  
pois ao tempo de morrer,  
não tendo já que fazer,

perde a morte o exercício.

7        Se o tempo consta de dias,  
que revolve o céu opaco,  
como tu, tempo velhaco,  
constas de velhacarias?  
não temas, que as carestias,  
que de ti se hão de escrever,  
te darão a aborrecer  
tanto as futuras idades,  
que, ouvindo as tuas maldades,  
a cara te hão de torcer.

8        Se, porque penas me dês,  
paras cruel, e inumano,  
o céu santo, e soberano  
te fará mover os pés:  
esse azul móvel, que vês,  
te fará ser tão corrente,  
que não parando entre a gente,  
preveja a Bahia inteira,  
que há de correr a carreira  
com pregão de delinqüente.

#### A PRISÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU CRIADO O BRAÇO FORTE.

Preso entre quatro paredes  
me tem Sua Senhoria  
por golotão de despachos,  
por fundidor de mentiras.  
Dizem, que sou um velhaco,  
e mentem por vida minha,  
que o velhaco era o Governo,  
e eu sou a velhacaria.  
Quem pensara, e quem dissera,

quem cuidara, e quem diria,  
que um braço de prata velha  
pouca prata, e muita liga!  
Tanto mais que o Braço Forte  
fosse forte, que poria  
um cabo de calabouço,  
e um soldado de golilha!  
Porém eu de que me espanto,  
se nesta terra maldita  
pode uma onça de prata  
mais que dez onças de alquimia.  
Quem me chama de ladrão,  
erra o trincho à minha vida,  
fui assassino de furtos,  
mandavam-me, obedecia.  
Despachavam-me a furtar;  
eu furtava, e abrangia,  
e são boas testemunhas  
inventários, e partilhas.  
Eu era o ninho de guincho,  
que sustentava, e mantinha  
com suor das minhas unhas  
mais de dez aves rapinhas.  
O Povo era, quem comprava,  
o General, quem vendia,  
eu triste era o corretor  
de tão torpes mercancias.  
Vim depois a enfadar,  
que sempre no mundo fica  
aborrecido o traidor,  
e a traição muito bem vista.  
Plantar de fora o ladrão,  
quando a ladroice fica,  
será limpeza de mãos,  
mas de mãos mui pouco limpas.  
Eles cobraram o seu  
dinheiro, açúcar, farinha,  
até a mim me embolsaram  
nesta hedionda enxovia.  
Se foi bem feito, ou mal feito,

o sabe toda a Bahia,  
mas se a traição ma fizeram,  
com eles a traição fica.  
Eu sou sempre o Braço Forte,  
e nesta prisão me anima,  
que se é casa de pecados,  
os meus foram ninharias.  
Todo este mundo é prisão,  
todo penas, e agonias,  
até o dinheiro está preso  
em um saco, que o oprima.  
A pipa é prisão do vinho,  
e da água fugitiva  
(sendo tão leve, ligeira)  
é prisão qualquer quartinha.  
Os muros de pedra, e cal  
são prisão de qualquer vila,  
d'alma é prisão o corpo,  
do corpo é qualquer almilha.  
A casca é prisão das frutas,  
da rosa é prisão a espinha,  
o mar é prisão da terra,  
a terra é prisão das minas.  
É cárcere do ar um odre,  
do fogo é qualquer pedrinha,  
e até um céu de outro céu  
é uma prisão cristalina.  
Na formosura, e donaire  
de uma muchacha divina  
está presa a liberdade,  
e na paz a valentia.  
Pois se todos estão presos,  
que me cansa, ou me fadiga,  
vendo-me em casa d'EI-Rei  
junto à Sua Senhoria?  
Chovam prisões sobre mim,  
pois foi tal minha mofina,  
que, a quem dei cadeias d'ouro,  
de ferro mas gratifica.

## A DESPEDIDA DO MAU GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR.

Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes  
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce,  
Desanda a roda, e logo o homem desce,  
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,  
Quando o pisava da fortuna a Roda,  
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia,  
Verá, quanto melhor se lhe acomoda  
Ser homem em baixo, do que burro em cima.

SUCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUÊS DAS MINAS  
COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO TODAS  
AS SUAS OBRAS E MANDANDO VIR OS PRINCIPAIS DA BAHIA  
DO DESTERRO, EM QUE ANDAVAM, PELA MORTE, QUE OUTROS  
DERAM AO ALCAIDE - MOR FRANCISCO TELES.

### MOTE

*De flores, e pedras finas  
floresce, e enriquece o  
Estado,  
floresce sim pelo Prado,  
e enriquece pelas Minas:  
As Aves, que peregrinas*

*aos montes se retiraram,  
nesta manhã já cantaram  
com tão doce melodia,  
que a noite se tornou dia,  
porque as penas se  
acabaram.*

1 Já da Primavera entrou  
a alegre serenidade,  
com que toda a tempestade  
do triste inverno acabou:  
já Saturno declinou  
nas operações malignas,  
com influências benignas  
Júpiter predominante  
nos promete ano abundante  
De flores, e pedras finas.

2 Se destes aspectos tais  
bem se calcula a figura,  
teremos grande fartura,  
não há de haver fome mais:  
mostras temos, e sinais  
de um tempo muito abastado:  
porque bem considerado  
dele tem o próprio efeito;  
já vemos, que a seu respeito  
Floresce, e enriquece o Estado.

3 Para ser enriquecido  
este Estado, e florescente,  
temos a causa patente  
no Planeta referido:  
nem se equivoca o sentido  
no efeito aqui declarado:  
porque sendo bem notado  
o estado, como parece,

se pelo mais não floresce,  
Floresce sim pelo Prado.

4 Pelo Prado flor a flor  
se vai a terra esmaltando,  
com que o clima está mostrando  
temperamento melhor:  
do Luminar superior  
por tais influências dignas  
sendo as pedras, e boninas  
da terra únicos primores  
pois se esmalta pelas flores,  
E enriquece pelas Minas.

5 Na terra já se experimentam  
virações tão temperadas,  
que as aves determinadas  
tornar aos ninhos intentam:  
já não sentem, nem lamentam  
tempestuosas ruínas,  
pois com salvas matutinas  
se mostram tão prazenteiras,  
que mais parecem caseiras  
As aves, que peregrinas.

6 Sua peregrinação  
influxo foi de Saturno,  
Planeta sempre noturno,  
e muito importuno então:  
todas nessa conjunção  
seus doces ninhos deixaram,  
e tanto se recearam  
do nocivo temporal,  
que escolhendo o menor mal,  
Aos montes se retiraram.

- 7        Porém tanto que sentiram  
          haver no tempo mudança,  
          sem receio, e sem tardança  
          aos ninhos se reduziram:  
          outros ares advertiram,  
          outra clemência notaram,  
          com que alegres publicaram  
          dos astros os movimentos,  
          e com festivos acentos  
          Nesta manhã já cantaram.
- 8        Cantaram para mostrar  
          com repetidas cadências  
          singulares excelências  
          de um Planeta singular:  
          tal doçura no cantar  
          não se ouviu nesta Bahia,  
          ouvindo-se na harmonia  
          modulações tão suaves,  
          que nunca cantaram aves  
          com tão doce melodia.
- 9        Cada qual com voz sonora  
          nos mutetes, que cantavam,  
          por mil modos explicavam  
          de todo estado a melhora:  
          cada instante, e cada hora  
          a música mais se ouvia;  
          no Prado resplandecia  
          por modo maravilhoso  
          um lustre tão luminoso  
          que a noite se tornou dia.
- 10       Entre as aves modulantes,  
          que este nosso País tem  
          todas cantavam o bem,  
          de que são participantes:

dos males, que foram dantes,  
todas também se queixaram;  
assim que todas mostraram  
com alegrias notórias,  
que começaram as glórias,  
Porque as penas se acabaram.

A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA  
BEM-VISTO, ESTANDO RETIRADO NA PRAIA GRANDE, LHE  
DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE TEVE PARA SE RETIRAR DA  
CIDADE, E AS GLÓRIAS, QUE PARTICIPA NO RETIRO.

Daqui desta Praia grande,  
Onde à cidade fugindo,  
conventual das areias  
entre os mariscos habito:  
A vós, meu Conde do Prado,  
a vós, meu Príncipe invicto,  
Ilustríssimo Mecenas  
de um Poeta tão indigno.  
Enfermo de vossa ausência  
quero curar por escrito  
sentimentos, e saudades,  
lágrimas, penas, suspiros.  
Quero curar-me convosco,  
porque é discreto aforismo,  
que a causa das saudades  
se empenhe para os alívios.  
Ausentei-me da Cidade,  
porque esse Povo maldito  
me pôs em guerra com todos,  
e aqui vivo em paz comigo.  
Aqui os dias me não passam,  
porque o tempo fugitivo,  
por ver minha solidão,  
pára em meio do caminho.  
Graças a Deus, que não vejo  
neste tão doce retiro

hipócritas embusteiros,  
velhacos entremetidos.  
Não me entram nesta palhoça  
visitadores prolixos,  
políticos enfadonhos,  
cerimoniosos vadios.  
Uns néscios, que não dão nada,  
senão enfado infinito,  
e querem tirar-me o tempo,  
que me outorga Jesus Cristo.  
Visita-me o lavrador  
sincero, simples, e liso,  
que entra co'a boca fechada,  
e sai co queixo caído.  
En amanhecendo Deus,  
acordo, e dou de focinhos  
co sol sacristão dos céus  
toca aqui, toca ali signos.  
Dou na varanda um passeio,  
ouço cantar passarinhos  
docemente, ao que eu entendo,  
exceto a letra, e o tonilho.  
Vou-me logo para a praia,  
e vendo os alvos seixinhos,  
de quem as ondas murmuram  
por mui brancos, e mui limpos:  
os tomo em minha desgraça  
por exemplo expresso, e vivo,  
pois ou por limpo, ou por branco  
fui na Bahia mofino.  
Queimada veja eu a terra,  
onde o torpe idiotismo  
chama aos entendidos néscios,  
aos néscios chama entendidos.  
Queimada veja eu a terra  
onde em casa, e nos corrilhos  
os asnos me chamam d'asno,  
parece cousa de riso.  
eu sei um clérigo zote  
parente em grau conhecido

destes, que não sabem musa,  
mau grego, e pior latino:  
Famoso em cartas, e dados  
mais que um ladrão de caminhos,  
regatão de piaçavas,  
e grande atravessa-milhos:  
Ambicioso, avarento,  
das próprias negras amigo  
só por fazer *a gaudere*,  
o que aos outros custa jimbo.  
Que se acaso em mim lhe falam,  
torcendo logo o focinho,  
ninguém me fale nesse asno,  
responde com todo o siso.  
Pois agora (pergunto eu)  
se Job fora ainda vivo  
sofrera tanto ao diabo,  
como eu sofro este percito?  
Também sei, que um certo Beca  
no pretório presidindo,  
onde é salvagem em cadeira,  
me pôs asno de banquinho.  
Por sinal que eu respondi,  
a quem me trouxe este aviso,  
se fosse asno, como eu sou,  
que mal fora a esse Ministro.  
Eu era lá em Portugal  
sábio, discreto, e entendido,  
Poeta melhor, que alguns,  
douto como os meus vizinhos.  
Chegando a esta cidade,  
logo não fui nada disto:  
porque o direito entre o torto  
parece, que anda torcido.  
Sou um herege, um asnote,  
mau cristão, pior ministro,  
mal entendido entre todos,  
de nenhum bem entendido.  
Tudo consiste em ventura,  
que eu sei de muitos delitos

mais graves que os meus alguns,  
porém todos sem castigo.  
Mas não consiste em ventura,  
e se o disse, eu me desdigo;  
pois consiste na ignorância  
de Idiotas tão supinos.  
De noite vou tomar fresco,  
e vejo em seu epiciclo  
a lua desfeita em quartos  
como ladrão de caminhos.  
O que passo as mais das noites,  
não sei, e somente afirmo,  
que a noite mais negra, escura  
em claro a passo dormindo.  
Faço versos mal limados  
a uma Moça como um brinco,  
que ontem foi alvo dos olhos,  
hoje é negro dos sentidos.  
Esta é a vida, que passo,  
e no descanso, em que vivo,  
me rio dos Reis de Espanha  
em seu célebre retiro.  
Se, a quem vive em solidão,  
chamou beato um gentio,  
espero em Deus, que hei de ser  
por beato inda benquisto.  
Mas aqui, e em toda a parte  
estou tão oferecido  
às cousas do vosso gosto,  
como de vosso serviço.

AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL  
EM COMPANHIA DE SEU PAI, DEPOIS DE TER ACABADO  
O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O POETA ESTAS SAUDOSAS  
DESPEDIDAS.

Generoso Dom Francisco,  
mais que Conde Rei do prado,  
porque se a Rosa é Rainha,  
rei sois vós, pois sois o Cravo.  
Majestoso ramilhete  
por cuja causa logramos  
trinta e seis meses de flores,  
que um mês fizeram de Maio.  
Luminar esclarecido,  
em quem tanto estão brilhando  
as luzidas excelências  
desses ascendentes Astros.  
Ouvi de meus sentimentos  
a voz, inda que o reparo  
note, que para a matéria  
o instrumento é mui baixo.  
Ouvi meus saudosos tonos,  
que é bem, Senhor Soberano,  
que, quem deu assunto à solfa,  
se digne de ouvir os cantos.  
Neste papel ponde os olhos,  
pois já quisestes dignar-vos  
de verdes da minha Musa  
noutro tempo outro traslado.  
Naquele tempo, então digo,  
quando escapei são, e salvo  
por vosso bom patrocínio  
de mil testemunhos falsos.  
Quando viu toda a Bahia  
no decurso de três anos  
sempre em flor vosso carinho,  
nunca murcho o vosso agrado  
Aqui mil órgãos quisera,  
para que com mil meatos  
sempre ferisse os encômios,  
onde soam os aplausos.  
Mas inda assim não podiam  
entender-se os vãos tanto,  
que não ficassem sucintos  
para elogios tão altos.

Aquele ligeiro monstro,  
que nas presunções de alado  
pelas plumas marca os vôos,  
pelos vôos mede os passos.  
Só pode com nova tuba  
referir em pregões altos  
os timbres da vossa pompa,  
as prendas do vosso garbo.  
Referirá, Senhor Conde,  
que sempre os feitos preclaros  
têm por doação dos tempos  
da Fama os maiores brados.  
Esta vai com grande empenho  
desta Praça, para dar-vos  
sobre as aras do meu trono  
da memória os holocaustos.  
Digo, que vai desta Praça,  
onde em público teatro  
vemos do melhor governo  
os mais heróicos ensaios.  
Do Mestre as prerrogativas  
toquei em hino mais amplo  
por ver-se nas lições suas  
da pena o primeiro aparo.  
Aqui dos seus documentos  
nada digo, nada trato,  
que pois o assunto é só vosso,  
só convosco agora falo.  
Só convosco, porque o gênio,  
que é para pouco trabalho,  
mal pode ser juntamente  
Jardineiro, e Lapidário.  
Tanto que vos embarcastes,  
logo então fiquei notando,  
que na falta do presente  
se conhece o bem passado.  
Por vossa ausência às escuras  
fica a terra, e não me espanto,  
de que quando o sol se ausenta,  
se ausente da Luz os raios.

A vista dos nossos olhos  
éreis; com que fica claro,  
pois, meu Senhor, vos perdemos,  
que sem vós cegos ficamos.  
A vossa falta sentimos  
geralmente neste estado,  
que sentir-se a grande perda  
efeito é muito ordinário.  
Sente o grande, que não tem  
o Prado alegre em Palácio,  
o gentil Cravo na rua,  
a Flor brilhante no Campo.  
Sente igualmente o pequeno  
não ter em seus desamparos  
abrigo para a tormenta  
e tábua para o naufrágio.  
Eu sinto, e sentimos todos,  
que fosse tão breve o prazo  
dos objetos para a vista,  
da vista para os regalos.  
Mas não podia o triênio,  
sendo um bem dos bens humanos,  
deixar de incluir o logro  
nos termos de momentâneo.  
Nesta suposição nossa  
concorrem motivos vários  
uns por parte dos alívios,  
outros em favor dos prazos.  
Mas prevalecem as penas,  
que os corações magoados,  
quando a dor mais dissimulam,  
então estão mais penando.  
Não permita vossa ausência,  
no sentimento intervalos,  
que no mal sempre continuo  
nunca desconsolos faltam.  
Vossa saudade gememos  
nossa solidão choramos  
se na solidão chorosos,  
na saudade solitários.

Nesta assistência tão breve  
nos mostrou o desengano  
não ser para pecadores  
o comércio de tal Anjo.

A MORTE DESTE CONDE SUCEDIDA NO MAR QUANDO  
SE RETIRAVA PARA LISBOA.

Do Prado mais ameno a flor mais pura,  
Que em fragrâncias o alento há desatado,  
Hoje a fortuna insípida há roubado  
A pompa, o ser, a gala, a formosura.

Flor foste, ó Conde, a quem a desventura  
Por decreto fatal do iníquo fado  
Quis dar-te como flor do melhor Prado  
Tumba no mar, nas águas sepultura.

Porque menos decente o monumento  
Poderias achar no infeliz caso  
De ver extinto tanto luzimento.

Por magnânimo herói no final prazo  
Somente na extensão desse elemento  
Terias como sol decente ocaso.

AO MESMO ASSUNTO.

Em essa de cristal campanha errante  
Da morte um peito ilustre foi vencido,  
Mágoa, que o mar chorava fementido  
Com lágrimas de neve, ou de diamante.

Neste teatro horrível, e inconstante  
Aos rigores do tempo pôs rendido  
A sua pompa o Prado mais florido,  
Fim a seu curso o sol mais rutilante.

Como Prado em tormentas inundado,  
Como sol, que apressado a esfera corre,  
Teve o seu fim nas águas destinado.

Por que se bem se adverte, ou se discorre,  
Se o mar inunda, se sepulta o prado,  
E se fenece o sol, nas ondas morre.

#### AO MESMO ASSUNTO.

No Reino de Netuno submergido  
Nos campos de Anfitrite sepultado  
Tem a Sorte a mais bela Flor, que o Prado  
Em sua amenidade há produzido.

Os realces ilustres tem perdido,  
porque a Parca os alentos lhe há roubado,  
cuja memória os mares têm chorado,  
cuja lembrança as águas têm sentido.

Mas se de flor, ó Conde a preminência  
Gozavas em teu florido viver,  
Que muito não tivesses existência!

Pois a flor, que mais pompa vem a ter  
Se pondera em uma hora sem falência  
Sujeita à pensão fera de morrer.

AO MESMO ASSUNTO.

Nasce el sol de los astros presidente  
Principe en las esferas conocido,  
Y aunque el dia le mira el mas luzido,  
La noche se le atreve irreverente.

Sirve le de sepulchro transparente  
El mar, pension fatal de haver nascido,  
Pues el que en todo un ciclo nó ha cabido,  
Le viene a ser el mar urna decente.

Sol fuiste, Conde ilustre, en la nobleza,  
A quien la triste noche se le atreve,  
Pues es el morir del sol naturaleza.

Hallaste como el sol tumba de nieve,  
Pues siendo corto el sol à tu grandeza,  
Solo à tal sol tal urna se le deve.

AO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS GLZ. DA CÂMARA COUTINHO  
EM DIA DE REIS OBSEQUIA O POETA PEDINDO-LHE EM NOME  
DE UM AMIGO UMA DAQUELAS ESMOLAS,  
QUE SUA MAJESTADE CONSIGNA DO REAL TESOURO CADA UM  
ANO  
PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMAM MERCÊ ORDINÁRIA.

Num dia próprio a liberalidades,  
No qual o Rei dos Reis aos Reis aceita,  
Não é muito, que quem Rei vos respeita,  
Vos troque a Senhoria em majestades.

Obriga-me a pedir calamidades  
A que o meu fado triste me sujeita,  
Obriga-vos a dar a mão perfeita,  
Com que sabeis matar necessidades.

Chegaram hoje os Reis do diversório  
A tributar incenso, mirra, e ouro,  
Fazendo do presépio um oratório:

Se guiou aos três Reis Planeta Louro,  
Guie-me a minha estrela o peditório,  
Com que na vossa mão ache um tesouro.

EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÊ AO CAPITÃO  
DA  
GUARDA LUÍS FERREIRA DE NORONHA SEU PARTICULAR  
CRIADO.

1        Senhor: se quem vem, não tarda,  
vim eu em boa ocasião,  
pois da Guarda o capitão  
é Anjo da minha guarda:  
vossa presença galharda,  
vossa dócil natureza  
bem mostram, que sois na empresa  
da minha fortuna imensa  
capitão pela defesa  
Anjo pela gentileza.

2        Obrigado a tão bom trato,  
que em mim é lance infalível,  
o desempenho impossível  
temo, que me faça ingrato:  
mas como já me precató

de tão previsto desar,  
que eu não basto a desviar,  
sirva de escusa, ou perdão,  
que não falta à gratidão,  
quem se peja de faltar.

3 Na Corte em era oportuna  
vistes a minha abastança,  
hoje vereis a mudança  
da minha infausta fortuna:  
de estrela tão importuna  
dera uma justa querela,  
porque hajais de corrige-la:  
mas no mundo é já patente,  
que como sábio, e prudente  
dominastes minha estrela.

4 Mudei-me de ponto a ponto  
de Portugal ao Brasil,  
lá deixo infortúnios mil,  
acho cá ditas sem conto:  
co'as ditas é, que de ponto  
a desgraça lá passada,  
e a graça considerada  
está em vós, meu capitão,  
que a dita está na eleição  
da sombra, a que está chegada.

A PEDITÓRIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO  
FEZ O POETA O SEGUINTE MEMORIAL PARA O MESMO  
GOVERNADOR,  
IMPETRANDO LICENÇA PARA SAÍREM MASCARADOS À UMA  
OSTENTAÇÃO  
MILITAR, A QUE CHAMAVAM ALARDE.

1 Senhor: Os Negros Juízes

da Senhora do Rosário  
fazem por uso ordinário  
alarde nestes Países:  
como são tão infelizes,  
que por seus negros pecados  
andam sempre emascarados  
contra a lei da polícia,  
ante Vossa Senhoria  
pedem licença prostrados.

- 2 A um General Capitão  
suplica a Irmandade preta,  
que não irão de careta,  
mas descarados irão:  
todo o negregado Irmão  
desta Irmandade bendita  
pede, que se lhe permita  
ir ao alarde enfrascados,  
não de pólvora atacados,  
calcados de jeribita.

#### OUTRO MEMORIAL POR UM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA SENTAR PRAÇA DE SOLDADO.

- 1 Senhor: deste meu Sobrinho  
afirmou um Padre tolo,  
que é furado do miolo,  
sendo o tal Padre o tolinho:  
não é doido, nem doidinho,  
falando na realidade,  
mas se hei de dizer verdade,  
e nada hei de encobrir,  
anda morto por servir  
aqui Sua Majestade.
- 2 Pode Vossa Senhoria,

se nisto acertar deseja,  
permitir, que o Moço seja  
soldado de Infantaria:  
e se alcançar algum dia,  
que falei afeiçoado,  
eu me dou por condenado,  
e sem recurso nenhum  
a servir sem soldo algum  
em lugar deste Soldado.

AO MESMO GOVERNADOR SUTILMENTE REMOQUEIA O POETA  
O DESCUIDAR-SE DE SUA HONRADA SÚPLICA SOBRE A  
MERCÊ ORDINÁRIA, LEMBRANDO-LHE, QUE A DERA A UM  
SOLDADO RIDÍCULO CHAMADO O FARIA, POR QUEM NAQUELE  
TEMPO  
CANTAVAM OS CHULOS  
"A MULHER DO FARIA VAI PARA ANGOLA".

Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria  
Mandou dar ao Faria um bom vestido,  
Sendo, que mais o tinha merecido  
A mulher do mesmíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gosto, e alegria,  
Que se tem do Faria deduzido,  
O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.  
Que ela ia pra Angola, e ele não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,  
E ele fica na infame lupanária,  
Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por consequência temerária,  
Que à Mulher se lhe deve dar a esmola,  
Que em crítico se diz mercê ordinária.

TORNA O POETA A INVOCAR LUÍS FERREIRA DE NORONHA.

Se da Guarda pareceis  
Anjo sobre capitão,  
não é novidade não,  
que de males nos livres:  
dobrado ofício fazeis  
em qualquer nossa aflição,  
pois com nobre coração  
nos livrais amante interno,  
se como Anjo do inferno,  
do mais como capitão.

ATÉ AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÊ ORDINÁRIA  
E NO DIA EM QUE O GOVERNADOR FEZ ANOS LHE MANDOU  
O SEGUINTE SONETO.

Quem, Senhor, celebrando a vossa idade,  
Os anos com prazer vos vai contando,  
Parece, que vos vai aproximando  
Para lograr tal dia a vossa herdade.

Se a conta vos chegara a eternidade,  
Contente vo-la iria numerando,  
Mas dá-me desprazer a conta, quando  
Temo a raia tocar da mortandade.

Com olhos sempre postos na Ordinária  
Vos dou os parabéns sem falso engano  
De ver-vos contrastando a sorte vária.

Mas se por fim me dais o desengano

(que em vós seria cousa extraordinária)  
Dizei, que em tal dia fará um ano.

A D. JOÃO DE ALENCASTRO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA,  
ASSISTINDO NO MESMO PALÁCIO, QUEIXANDO-SE DE QUE O  
POETA O NÃO VISITASSE E PEDINDO-LHE UMA  
SÁTIRA POR OBSÉQUIO.

- 1       A quem não dá aos fiéis  
          perdão, se lhe há de outorgar,  
          eu hoje vos hei de dar,  
          pedindo me perdoeis:  
          dou-vos, o que mais quereis,  
          e o que pedis por favor,  
          que quando chega um Senhor  
          a pedir, por não mandar,  
          mal lhe podia eu faltar  
          cuma sátira em louvor.
  
- 2       Não fui beijar-vos a mão,  
          e dar-vos a bem chegada,  
          porque nessa alta morada  
          nunca tive introdução:  
          até agora a indignação  
          não quis tão altivo trato,  
          mas hoje é quase distrato,  
          porque em todo mundo inteiro  
          de fidalgo, e de escudeiro  
          são brincos de cão com gato.
  
- 3       Os Fidalgos, e os Senhores  
          faltos de jurisdição  
          fazem tudo, e tudo dão  
          a amigos, e servidores:  
          os que jogam de maiores  
          por sangue, e não por poder  
          fazem jogo de entreter:

porque o sangue desigual  
sempre brota ao natural,  
e o mando bota a perder.

4 Perdoai a digressão,  
porque esta prolixidade  
é boa luz da verdade,  
e escusa a sátira então:  
quando se ofereça ocasião,  
meu Senhor, de que eu vos veja  
(na Igreja, ou na rua seja)  
hei de prender-vos os pés,  
e estai certo, que essa vez  
vos não valerá a Igreja.

5 Estou na minha quintinha,  
que é chácara soberana,  
ora comendo a banana,  
jogando ora a laranjinha:  
nem vizinho, nem vizinha  
tenho, porque sempre cansa  
quem vê tudo, e nada alcança,  
e na cidade são raros  
os olhos, que não são claros,  
se olhos são de vizinhança.

6 Mas inda que desterrado  
me tem o fado, e a sorte  
por um Juiz de má morte,  
de quem não tenho apelado:  
é hoje, que sois chegado,  
Senhor, o tempo, em que apele;  
fazei, que El-Rei o desvele  
pagar o serviço meu,  
pois é bizarro, e só eu  
não vim muito pago dele.

A JOÃO PLZ. DA CÂMARA COUTINHO FILHO DO MESMO  
GOVERNADOR  
TOMANDO POSSE DE UMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO  
BATISTA E LHE ASSISTIU DE SARGENTO D. JOÃO  
DE ALENCASTRO SEU TIO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA.

1 No culto, que a terra dava,  
equivocava-se a vista,  
se celebrava o Batista,  
se ao Coutinho festejava:  
um e outro João estava  
arrojando à sua planta  
tanto aplauso, e festa tanta:  
mas viu-se, que ao mesmo dia,  
em que o Batista caía,  
o Coutinho se levanta.

2 Viu-se, que um João Batista  
na terça-feira caíra,  
e que outro João subira  
a imperar esta conquista:  
mas não se enganou a vista  
por desacerto, ou desgraça,  
antes com divina traça  
se notou, e se advertiu,  
que se um com graça caiu,  
outro nos caiu em graça.

3 Braba ocorrência se achou  
no martirológio então,  
o dia era de um João,  
e outro João lhe levou:  
toda a cidade assentou  
por razão, se por carinho  
ser mais acerto, e alinhio  
preferir entre dous grandes  
como um Silva a um Fernandes

a um Batista um Coutinho.

4 Mais ocorrências se leram,  
porque pasmasse a Bahia,  
dous num dia há cada dia,  
mas três nunca concorreram:  
três de um nome então vieram,  
e qual mais para aplaudido,  
e assim confuso, e sentido  
ficou com tão nova traça  
restaurada a nossa Praça  
e o Calendário aturdido.

5 Se de um só João no dia  
se abalava a cristandade,  
por três de tal qualidade  
quem se não abalaria!  
tudo quanto então se via,  
se via com grande abalo,  
um mar de fogo a cavalo,  
a pé um Etna de flores,  
e por ver tantos primores  
o Céu dava tanto estalo.

6 A ver o grande Alencastro  
quem não fez do aperto graça:  
se saiu o sol à praça  
fazer praça a tanto Astro?  
o bronze pois, e alabastro  
por solenizar a glória  
consentirão, que esta história  
fique por mais segurança  
nos arquivos da lembrança  
nos volumes da memória.

AO MESMO ASSUNTO.

Entre aplausos gentis com luz preclara  
Resplandece do sol a monarquia,  
E o Príncipe da Luz, que o céu regia  
Estático a carroça ardente pára.

E com razão: pois vê, se bem repara,  
outro novo Faetonte neste dia,  
E sente arder o mundo, como ardia,  
Quando ao filho o governo delegara.

Pare pois, e repare, que o decreta  
Astréia, porque aprenda no alto pólo  
Ditames de luzir deste Planeta.

Sua fama andaré de pólo a pólo,  
Pois o Jove, que empunha uma gineta,  
Faetonte é na luz, no garbo Apolo.

GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTÔNIO  
LUÍS  
DESABAFANDO EM QUEIXAS DO MUITO, QUE AGUARDAVA  
NA ESPERANÇA DE SER DELE FAVORECIDO  
NA MERCÊ ORDINÁRIA.

- 1 Veio ao Espírito Santo  
da Ilha da Madeira Alz.  
um Escudeiro Gonçalves  
mais pobretão, que outro tanto:  
e topando a cada canto  
as Tapuias do lugar  
havendo uma de tomar  
para a bainha da espada,  
tomou Vitória agradada,  
que então lhe soube agradar.

- 2       A tal era uma Tapuia  
grossa como uma jibóia,  
que roncava de tipóia,  
e manducava de cuia:  
tocando ela a Aleluia,  
tirava ele a culumbrina  
com tal estrago, e ruína,  
que chegando a conjunção  
lhe encaixou a opilação  
por entre as vias da urina.
- 3       Pariu a seu tempo um cuco,  
um monstro (digo) inumano,  
que no bico era tucano  
e no sangue mamaluco:  
mas não tendo bazaruco,  
com que faça o batizado  
lhe assistiu sem ser rogado  
um troço de fidalguia  
pedestre cavalaria  
toda de beíço furado.
- 4       O Cura, que não curou  
de buscar no Calendário  
nome de Santo ordinário,  
por Antônio o batizou:  
tanto o colomim mamou,  
e tais forças tomou, que  
antes de se pôr de pé,  
e antes de estar já de vez,  
não falava o português,  
mas dizia o seu cobé.
- 5       Cansado de ver a Avoa  
co'as cuias à dependura,

tratou de buscar ventura,  
e embarcou numa canoa:  
vindo aportar a Lisboa,  
presumiu de fidalguia,  
cuidou, que era outra Bahia,  
onde basta a presunção  
para fazer-se a um cristão  
muchíssima cortesia.

6 Casou com uma rascoa,  
que por ele ardia em chamas,  
e era criada das Damas  
da Rainha de Lisboa:  
era uma grande pessoa,  
porque tinha um cartapácio,  
onde estudava de espácio  
todo o primor cortesão,  
que até um sujo esfregão  
cheira a primor em Palácio.

7 Nasceu deste matrimônio  
um Anjo, digo, um Marmanjo,  
que era no simples um Anjo,  
e no maligno um demônio:  
deram-lhe por nome Antônio;  
oh se o Santo tal cuidara!  
creio eu, que se irritara  
o grande Português tanto,  
que deixara de ser Santo,  
e o nome lhe não sujara.

8 Este pois por exaltar-se  
veio reger a Bahia:  
que bom governo faria,  
quem não sabe governar-se!  
se ele quisera enforcar-se  
pelos que enforcar fazia,  
que bom dia nos daria!

mas ele tão mal se salva,  
que quando dava a mão alva  
então tomava o bom dia.

- 9 O Ministro há de ser são,  
justo, e não desobrigado,  
há de ter ódio ao pecado,  
e ao pecador compaixão:  
que se tem má propensão,  
faz justiça, mas com vício,  
e se maior malefício  
tem, e pode condenar-me,  
livre-me Deus de julgar-me  
oficial do meu ofício.
- 10 Que, porque furto, o que coma,  
me enforcem, pode passar,  
mas que me mande enforçar  
a bengala de um Sodoma!  
quem sofrerá, que Mafoma  
me queime por mau cristão,  
vendo, que Mafoma é cão,  
velhaco, e de suja alparca,  
e o mais torpe heresiarca,  
que houve entre os filhos de Adão.
- 11 Quem na terra sofreria,  
que o fedor de um ataúde  
com bioco de virtude  
disfarçasse a Sodomia?  
e de feito em cada dia  
desse ao povo um enforcado,  
e que de puro malvado  
desse esse dia um banquete,  
e alegrasse o seu bofete  
com bom vinho, e bom bocado?
- 12 O bem, que os mais bens encerra,

e as glórias todas contém,  
é reinar, quem reina bem,  
pois figura a Deus na terra:  
eu cuido, que o mundo erra  
nesta alta reputação,  
que se o Rei erra uma ação,  
paga a seu alto atributo  
um tristíssimo tributo,  
e misérrima pensão.

13 O Príncipe soberano  
bom cristão temente a Deus,  
se o não socorrem aos céus,  
pensões paga ao ser humano:  
está sujeito ao tirano,  
que adulando ambicioso  
é áspide venenoso,  
que achacando-lhe os sentidos,  
turbado o deixa de ouvidos,  
de olhos o deixa ludoso.

14 Se fosse El-Rei informado,  
de quem o Tucano era,  
nunca à Bahia viera  
governar um povo honrado:  
mas foi El-Rei enganado,  
e eu com o povo o paguei,  
que é já costume, e já lei  
dos reinos sem intervalo,  
que pague o triste vassalo  
os desacertos de um Rei.

15 Pagamos, que um figurilha  
corcova de canastrão  
com nariz de rebecão  
em cara de bandurrilha,  
descompusesse a quadrilha  
dos homens mais bem nascidos,

e que dos mal procedidos  
tal estimação fizesse,  
que honras, e postos lhes desse  
por lhe encherem os ouvidos.

16 Pagamos ver esta Hiena,  
que com a voz nos engana,  
pois fala como putana,  
e como fera condena:  
que uma terra tão amena,  
tão fértil, e fã fecunda  
a tornasse tão imunda  
falta de saúde, e pão;  
mas foi força, que tal mão  
peste, e fome nos infunda.

17 Pagamos que um homem bronco  
racional como um calhau,  
mamaluco em quarto grau,  
e maligno desde o tronco:  
apenas se dá um ronco,  
em briga apenas se fala,  
quando os sargentos a escala  
prendem com descortesia  
aos honrados na enxovia,  
todo o patifão na sala.

18 Pagamos, que um Sodomita,  
porque o seu vício dissesse,  
todo o homem aborrecesse,  
que com mulheres coabita:  
e porque ninguém lhe quita  
ser um vigário-geral  
com pretexto paternal,  
aos filhos, e aos criados  
tenha sempre aferrolhados  
para o pecado mortal.

- 19 Pagamos, que o tal jumento  
isento de mãos gadunhas  
não furtasse pelas unhas,  
senão por consentimento:  
e que os quatro vezes cento,  
que se vieram trazer  
ao seu capitão mulher,  
porque o pão suba mais dez,  
não foi furto, que ele fez,  
mas deu jeito a se fazer.
- 20 Pagamos ver o Prelado,  
que se peca, é de prudente,  
dos serventes de um agente  
descortesmente ultrajado:  
o sobrinho amortalhado  
com tão fidalgos brasões  
pela Puta dos calções,  
que fiado em ser válido  
fez do sangue esclarecido  
tão lastimosos borrões.
- 21 Pagamos com dor interna,  
que nos passos da Paixão  
tão devoto é da prisão,  
que quer levar a lanterna:  
se entende, que a glória eterna  
prendendo há de merecer,  
fora melhor entender,  
que o céu lhe dá mais ganhado,  
não dormir-se co criado,  
que desvelar-se em prender.
- 22 Pagamos vê-lo esperar,  
e estar com expectativas  
de ser Conde das Maldivas

por serviços de enforçar:  
e como mandou tirar  
um rol dos quatro maraus,  
que enforcou por vaganaus,  
cuidei (assim Deus me valha)  
que entre os Condes da baralha  
fosse ele o Conde de paus.

23 Porém Sua Majestade,  
Qual Príncipe Soberano,  
que não se indigna de humano  
sem dano da dignidade:  
conhecida esta verdade,  
que é verdade conhecida,  
fará justiça cumprida,  
para que se lhe agradeça,  
que o mau na própria cabeça  
traga a justiça aprendida.

24 E porque nós de antemão  
a seus favores mostremos,  
quanto lhos agradecemos,  
lhe agradecemos D. João:  
era justo, era razão,  
conforme o direito e lei,  
quando o Rei dá Juiz a Grei,  
outro em seu lugar dispor,  
que seja o Governador  
tão fidalgo como El-Rei.

CONTINUA O POETA SATIRIZANDO-O COM O SEU CRIADO  
LUÍS FERREIRA DE NORONHA.

Estas as novas são de Antônio Luí =  
No que passa sobre um gato de algá =,  
Que algália tira com colher de Itá = .

que coze e corcoja em fonte Rabi = .

Se lhe escalda ou não a serventi =  
Isto tem já provado o mesmo ga =  
Porque passando os rios de cuá =  
O caso tocou logo a Inquisi =

Há cousa mais tremenda e mais atró =,  
Que em terra, onde há tanta fartu =,  
E haja que por um cu enjeite um có = ?

E que por mau gosto seja um pu = ?  
Eu me benzo, e arrenego do demô =  
E do pecado, que é contra a natu = .

#### AOS MESMOS AMO E CRIADO.

Que aguarde Luís Ferreira de Norô =  
Tão grande pespegar pelo besbê =!  
Para o Puto, que aguarda tal pespê =,  
E faz servir seu cu de cocó = .

Subverteu-se a cidade de Sodô =  
Pelo muito, que andou de caranguê =:  
A Palácio também creio, sucé =  
O mesmo, que à cidade de Gomô =.

Que desse em pescador Antônio Luí = ?  
Nefando gosto tem o seu cará =,  
Em não querer topar ponta de cri = .

Pois tanto se namora do pescá =,

A cuama se vá pescar lombri =,  
E em castigo de Deus morra queimá =.

PROSSEGUE O MESMO ASSUNTO.

1        No *beco do cagalhão*,  
no de *espera-me rapaz*,  
no de *cata que farás*  
e em *quebra-cus* o acharam,  
que tirando ao *come-em-vão*  
que era esperador de cus,  
lhe arrebentou o arcabuz  
no *beco de lava-rabos*,  
onde lhe cantam diabos  
três ofícios de catruz.

2        Tomem pois exemplo aqui  
o Tucano e o Ferreira,  
pois lhos diz esta caveira,  
aprended, flores, de mi:  
mais aqui, ou mais ali  
sempre os demônios são artos  
sempre bichos, e lagartos,  
e dar-lhe-ão sobre beijus,  
a comer sempre cuscuz,  
a ver se se dão por fartos.

REPETE A MESMA SÁTIRA.

Quem aguarda a luxúria do Tucano  
Também pode esperar a do Lagarto,  
Se acaso conceber, verá no parto  
A substância que leva do tutano.

Estes, que se debreiam mano a mano,  
Disciplinar-se-ão de quarto em quarto,  
E o que de mais sustância estiver farto,  
A via busque, que o negócio é cano.

Conheça a Inquisição estas verdades,  
E como é certo, o que o soneto diz,  
Paguem-se em vivo fogo estas maldades,

Ardendo morram já como Solis,  
E como arderam já duas cidades,  
Ardam Luís Ferreira, e Antônio Luís.

AO MESMO ASSUNTO.

MOTE

*Quem sai a mijar de Beja  
por fora de Vidigueira  
Dá c'o piçalho em Ferreira.*

1        Senhora velha roupeira  
          pois todo Alentejo andou  
          não me dirá, quanto achou,  
          que vai de Beja a Ferreira:  
          porque outra velha embusteira,  
          com profia, e com inveja,  
          não quer que uma légua seja,  
          e por palmos de cará  
          diz, que só um palmo achará  
          quem sai a mijar de Beja.

2        Isto a velha quer, que seja,  
          e do seu querer colijo,  
          que vai a beber do mijo,

quem sai a mijar de Beja:  
porém quem saber deseja  
a conclusão verdadeira,  
deste caminho, ou carreira,  
pelos passos do pismão  
quer saber, que passos vão  
por fora da Vidigueira.

- 3 Porque parvoice fora  
não ver entre boca, e centro,  
que uma cousa é mijar dentro  
outra cousa andar por fora:  
e assim vós, minha Senhora  
velha, que nesta carreira  
já sois useira, e vezeira  
desmenti da velha a inveja,  
pois diz, que quem sai de Beja,  
dá co piçalho em Ferreira.

DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO:

Sal, cal, e alho  
caiam no teu maldito caralho. Amém.  
O fogo de Sodoma e de Gomorra  
em cinza te reduzam essa porra. Amém.  
Tudo em fogo arda,  
Tu, e teus filhos, e o Capitão da Guarda.

DEDICATÓRIA EXTRAVAGANTE QUE O POETA FAZ DESTAS  
OBRAS  
AO MESMO GOVERNADOR SATIRIZADO.

Desta vez acabo a obra,  
porque é este o quarto tomo  
das ações de um Sodomita,

dos progressos de um fanchono.  
Esta é a dedicatória,  
e bem que preverto o modo,  
a ordem preposterando  
dos prólogos, os prolóquios.  
Não vai esta na dianteira,  
antes no traseiro a ponho,  
por ser traseiro o Senhor,  
a quem dedico os meus tomos.  
A vós, meu Antônio Luís,  
a vós, meu Nausau ausônio,  
assinalado do naso  
pela natura do rosto:  
A vós, merda dos fidalgos,  
a vós, escória dos Godos,  
Filho do Espírito Santo,  
E Bisneto de um caboclo:  
A vós, fanchono beato,  
Sodomita com bioco,  
e finíssimo rabi  
sem nascerdes cristão-novo:  
A vós, cabra dos colchões,  
que estoqueando-lhe os lombos,  
sois fisgador de lombrigas  
nas alagoas do olho:  
A vós, vaca sempiterna  
cozida, assada, e de molho,  
Boi sempre, Galinha nunca  
*in secula seculorum:*  
A vós, ó perfumador  
do vosso pagem cheiroso,  
para vós algália sempre,  
para vós sempre mondongo:  
A vós, ó enforcador,  
e por testemunhas tomo  
os Irmãos da Santa Casa,  
que lhes carregam os ossos:  
Pois no dia dos Finados,  
quando desenterram mortos  
também murmuram de vós

pela grã carga dos ombros:  
A vós, ilustre Tucano,  
mal direito, e bem giboso,  
pernas de rolo de pau,  
antes de o levar ao torno:  
A vós: basta tanto vós,  
porque este insensato Povo  
vendo, que por vós vos trato,  
cuidará, que sois meu moço:  
A vós dedico, e consagro  
os meus volumes, e tomos,  
defendei-os, se quiserdes,  
e se não, vai nisso pouco.

APOLOGIA CAVILOSA EM DEFENSA DO MESMO GOVERNADOR  
ANTÔNIO LUÍS.

Agora saio eu a campo  
por vós, meu Antônio Luís,  
que já fede tanto verso,  
e enfada tanto pasquim!  
Que vos quer esta canalha  
tropol de vilões ruins,  
tanto Poeta sendeiro,  
tanto trovador rocim?  
Se fizestes mau governo,  
que é certo, que foi ruim,  
eles, que o façam pior,  
que eu lhe dou das quatro mil.  
Enforcastes muita gente?  
mente, quem tal coisa diz:  
Gabriel os enforcava,  
que eu com estes olhos vi.  
É verdade, que gostáveis  
vós muito de vê-los ir,  
sois amigo de enforcados,  
ter-lhes ódio, isso fora ruim.  
Cada qual gosta, o que gosta,

uns carneiro outros perdiz,  
vós um quarto de enforcado,  
e eu de um quarto do pernil.  
Em gostos não há disputa  
dai ao demo o povo vil,  
que até nos gostos se mete  
a ser dos gostos juiz.  
O querer não tem razão,  
que a vontade é mui sutil,  
e assim por onde quer entra,  
e talvez não quer sair.  
Cada um quer, o que quer,  
não há nisto, que argüir,  
fez Deus as vontades livres,  
prendê-las é frenesi.  
Sois amigo de enforcados,  
quem vo-lo pode impedir?  
oxalá fôreis amigo  
levar o mesmo fim.  
Ora vamos a farinha,  
foi pouca, cara, e ruim:  
mas vós não sois sol, nem chuva,  
para haver de a produzir.  
Eu confesso, que houve fome,  
governando vós aqui,  
sois mofino, e por contágio  
ficou mofino o Brasil.  
Ser mofino não é culpa,  
a fortuna o quer assim:  
quem é mofino consigo,  
cos mais há de ser feliz?  
Não vos mandou governar  
El-Rei farinhas aqui,  
as carnes, nem os pescados,  
porém a força isso sim.  
Valha o diabo a vossa alma  
cabelos de colomim,  
mandou-vos El-Rei acaso  
desgovernar os quadris?  
Mandou-vos acaso El-Rei

com as fêmeas não dormir,  
senão com vosso criado,  
que é bomba dos vossos rins?  
No mais vos levanta falsos  
todo este povo civil,  
mas isto do vosso corpo  
vo-lo levanta o Luís.  
Mandou-vos El-Rei acaso  
a Sodoma, ou ao Brasil?  
Se não viveis em Judá,  
quem vos meteu a Rabi?  
Mandou-vos El-Rei que fosse  
vosso pajem meretriz,  
madrasta de vossos filhos,  
como dizem por aí?  
Ora ide-vos co diabo,  
que já não quero acudir  
por um Tucano, um Fanchono,  
um Sodoma, um vilão ruim.

DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR  
EM METÁFORA DE CHULARIAS, QUE SE USAVAM NAQUELE  
TEMPO.  
POR DIZER-SE VINHA RENDÊ-LO D. JOÃO DE ALENCASTRO, SEU  
CUNHADO.

1      Bangüê, que será de ti  
em vindo o Governador,  
que manda El-Rei meu Senhor  
para te botar daqui?  
que será de ti, maldi-  
to, que assaz a ti te toca  
por neto de curiboca  
e porque este teu pepino  
no que é vaso feminino  
jamais toca, nem emboca.

2        Que será de ti, Bangüê,  
quando o sucessor vier,  
que hás de perder a mulher,  
que é fêmea de cutiliquê?  
e se teu criado é,  
que o podes também levar,  
não te há de sofrer o mar,  
nem suas ondas sagradas,  
antes por essas porradas  
a porra te há de salgar.

RETRATO QUE FAZ EXTRAVAGANTEMENTE O POETA AO MESMO  
GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS DA CÂMARA NA SUA DESPEDIDA.

Vá de retrato  
por consoantes,  
que e eu sou Timantes  
de um nariz de tucano  
      pés de Pato.  
Pelo cabelo  
começo a obra,  
que o tempo sobra  
para pintar a giba  
      do camelo.  
Causa-me engulho  
o pêlo untado,  
que de molhado  
parece, que sai sempre  
      de mergulho.  
Não pinto as faltas  
dos olhos baios,  
que versos raios  
nunca foram, senão  
      a cousas altas.  
Mas a fachada  
da sobrancelha  
se me assemelha  
a uma negra vassoura

esparramada.  
Nariz de embono  
com tal sacada,  
que entra na escada  
duas horas primeiro  
que seu dono.  
Nariz, que fala  
longe do rosto,  
pois na Sé posto  
na Praça manda pôr  
a guarda em ala.  
Membro de olfatos,  
mas tão quadrado,  
que um Rei coroado  
o pode ter por copa  
de cem pratos.  
Tão temerário  
é o tal nariz,  
que por um triz  
não ficou cantareira  
de um armário.  
Você perdoe,  
nariz nefando,  
que eu vou cortando,  
e inda fica nariz,  
em que se assoe.  
Ao pé da altura  
no naso outeiro,  
tem o sendeiro,  
o que boca nasceu, e é  
rasgadura.  
Na gargantona  
membro do gosto  
está composto  
o órgão mais sutil  
da voz fanchona.  
Vamos à giba:  
mas eu que intento,  
se não sou vento  
para poder trepar

lá tanto arriba?

Sempre eu insisto,  
que no horizonte  
deste alto monte  
foi tentar o diabo

A Jesus Cristo.  
Chamam-lhe autores,  
por falar fresco  
dorso burlesco,  
no qual *fabricaverunt*  
*peccatores.*

E havendo apostas,  
se é homem, ou fera,  
se assentou, que era  
um caracol, que traz  
a casa às costas.

De grande a riba,  
tanto se entona,  
que já blasona,  
que enjeitou ser canastra  
por ser giba.

Ó pico alçado,  
quem lá subira,  
para que vira,  
se és Etna abrasador  
se Alpe nevado!

Cousa pintada  
sempre uma cousa,  
pois onde pousa,  
sempre o vêem de bastão  
sempre de espada.

Dos santos passos  
na bruta cinta  
uma cruz pinta  
a espada o pau da cruz,  
e eles os braços.

Vamos voltando  
para a dianteira,  
que na traseira  
o cu vejo açoutado

por nefando.  
Se bem se infere  
outro fracasso,  
porque em tal caso  
só se açouta, quem canta  
o *miserere*.  
Pois que seria,  
que eu vi vergões?;  
serão chupões,  
que o bruxo do Ferreira  
lhe daria.  
Seguem-se as pernas,  
sigam-se embora,  
porque eu por ora  
não me quero embarcar  
em tais cavernas.  
Se bem, que assento  
nos meus miolos  
que são dous rolos  
de tabaco já podre,  
e fedorento.  
Os pés são figas  
a mor grandeza,  
por cuja empresa  
tomaram tantos pés  
tantas cantigas.  
Velha coitada  
suja figura,  
na arquitetura  
da popa de Nau nova  
está entalhada.  
Boa viagem  
senhor Tucano,  
que para o ano  
vos espera a Bahia  
entre a bagagem.

A D. JOÃO DE ALENCASTRO TOMANDO POSSE DO SEU GOVERNO  
OBSEQUIA O

POETA COM AS QUEIXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO.

Quando Deus redimiu da tirania  
da mão do Faraó endurecido  
o Povo Hebreu amado, e esclarecido.  
Páscoa ficou de redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria  
Àquele Povo foi tão afligido  
O dia, em que por Deus foi redimido;  
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade  
Nos remiu de tão triste cativo,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro  
Deus, que veio estirpar desta cidade  
O Faraó do Povo Brasileiro.

AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDO-LHE A NOVA DA MORTE  
DE  
SUA SOGRA, A QUEM DEIXOU CONVALESCIDA DA MESMA  
ENFERMIDADE,  
DE QUE MORREU DEPOIS.

Alto Príncipe, a quem a Parca bruta  
Aos estragos negando-se de horrível,  
Quando acredita assombro no inflexível,  
Em rendimento a vossos pés tributa.

Tímida a vossa vista se reputa,  
E o mostra nesta ação quase visível,  
Onde em vós o pesar, sendo possível,

Reverente o rigor não executa.

Pouco faz a Bahia, se venera  
Humilde, e grata a vossa presidência,  
Se inda a morte convosco não é fera

Porque admirando em vós tanta excelência  
Para dar-vos um golpe, astuta espera  
(Por temer-vos, Senhor) a vossa ausência.

LOUVA O SECRETÁRIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA RAVASCO  
A UM  
SUJEITO, QUE FOI À COSTA DA MINA E LÁ FEZ UMA ILUSTRE  
AÇÃO.

Vindes da Mina, e só trazeis a fama,  
De que vosso valor fez alta empresa,  
Que não consiste a glória na riqueza  
No seu desprezo sim, que honra se chama.

O vosso zelo, que ambição se inflama,  
Do serviço fiel de Sua Alteza  
Lhe deu prudente aquela Fortaleza,  
Que é padrão imortal, que vos aclama.

Quanto co'a espada, e co juízo obrastes,  
Quanto na África, e Europa merecestes,  
São ações, que convosco competistes.

Não vos queixeis do pouco, que alcançastes,  
Pois na glória, em que a todos excedestes,  
Dificultais o prêmio, ao que servistes.

RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEIRA RAVASCO PELOS  
MESMOS  
CONSOANTES POR AQUELA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSÉQUIO.

Hoje é melhor ter mina, que ter fama,  
Que no tesouro se acha a nobre empresa,  
Porque onde se idolatra só riqueza,  
A glória dos progressos nada clama.

Ambicioso e avarento mais se inflama  
Pretendendo subir a nova alteza,  
E fragando nos bens a fortaleza,  
Quer estragar a honra, que se aclama.

Mas vós, que a acreditar-me tanto obrastes,  
Fiado, no que, é certo, merecestes,  
Em mérito, a que sempre competistes:

A mim me dais a glória, que alcançastes,  
Que como vós em tudo me excedestes,  
Té para me abonar hoje servistes.

CONTINUA BERNARDO VIEIRA RAVASCO NO SEU PROPÓSITO  
PELOS MESMOS CONSOANTES.

Nos assuntos, que dais à vossa fama,  
Têm as invejas mais ardente empresa,  
Pois se a glória do nome é mor grandeza,  
No vosso acende mais ativa a chama

A emulação, que sempre assim se inflama,  
O seu incêndio exala à suma alteza,

Mas esse incêndio em rara fortaleza  
Salamandra vos faz, Fênix aclama.

Quanto nas armas valeroso obrastes,  
Nas invejas prudente merecestes,  
Triunfando sempre nunca competistes.

Mas outra maior glória inda alcançastes;  
Não há Musa, que conte, o que excedestes,  
Nem grandeza, que pague, o que servistes.

AO MESMO SECRETÁRIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA  
PEDINDO UMAS  
OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANOS  
CONVALESCENDO  
DE UMA GRAVE DOENÇA.

- 1 Oitavas canto agora por preceito,  
Sem que na oitava possa diligente  
Louvar as excelências de um sujeito,  
Que pode ser em tudo o melhor Lente:  
Mas como em mim não pode ser perfeito  
O canto, ficará menos cadente  
A música de Apolo, e de Talia,  
Que não há cantar bem sem melodia.
  
- 2 Se do tempo perfeito o meu compasso  
A compasso cantara neste canto,  
Não faltara à garganta agora o passo,  
E em passos de garganta fora espanto:  
Porém se em canto nunca da mão passo  
Como posso afinar no canto tanto,  
Que me atreva a cantar vossa ciência,  
Sem que falte ao compasso na cadência.

- 3 Canora a voz tomara, e tão suave,  
Que em passos largos, e ecos repetidos  
Sonora requintasse aquela clave,  
Em que fossem meus ecos esparcidos:  
Porém se o vosso nome o canto grave  
Eleva suspendendo os mais sentidos,  
Com a voz, que formar o meu alento  
Chegar posso também ao Firmamento.
- 4 Discutindo esse globo de ciências  
No mapa desta esfera Americana,  
Acho um todo formado de excelências  
Maravilha fatal em forma humana:  
De modo se une, e formam as essências,  
Que o natural as graças vos germana:  
Mas que muito se vós no largo mundo  
Sois da graça, e ciências tão fecundo.
- 5 Se emulações tiraram Luzimentos,  
Que soube a natureza vincular-vos,  
Apolo não perdera os pensamentos,  
Temendo-se na empresa de louvar-vos:  
Suspende a admiração os vãos intentos  
Ao discurso, que emprende realçar-vos,  
Que a Musa enfraquecida, a pena leve  
Nunca diz, o que sente, no que escreve.
- 6 Deixem-se os Gregos já do seu Eliano,  
Condenam a silêncio um Xenofonte,  
Não louve Alexandria Herodiano,  
Que na Bahia tem Timocreonte:  
O qual pode ensinar Quintiliano,  
Camões, Terêncio, Ênio, Anacreonte,  
Platões, Anaximandros, e Musés,  
Acusilaus, Priscianos, e a Timéus.

- 7        Nos anos climatéricos glorioso  
          Vosso nome será tão dilatado,  
          Que suba, onde o decrépito invejoso  
          O veja nas estrelas colocado:  
          Sereis novo Planeta luminoso,  
          E Sol em nova esfera sublimado,  
          Que, a quem o mundo singular aclama,  
          Só descansa no céu com ele a fama.
- 8        Separar vossas partes, e Louvores  
          Absurdo fora certo, e averiguado,  
          Que à grandeza dos orbes superiores  
          Ninguém pode pôr termo limitado:  
          Receba o infinito por maiores,  
          Quem foi por singular ao mundo dado,  
          Com que as partes publica deste modo,  
          Quem de todo admirado admira o todo.
- 9        Cesse pois em louvar-vos minha pena,  
          Que impossível será, que sem engano  
          Presuma, que fazendo esta novena  
          Vos possa ponderar em todo um ano:  
          Este novo, e felice, que hoje ordena  
          O Céu, lograi, Senhor, sem tanto dano,  
          Porque sejam em vós os mais gloriosos  
          Aqueles, que vos faltam de invejosos.